



Trajetória da xilogravura em terras nordestinas

Mestre Noza, um dos pioneiros da xilogravura nordestina (crédito Zé Alves)



Jeová Franklin (*)

A técnica surgiu na China há milênios, mas há exatos cem anos chegou ao Nordeste brasileiro, onde ganhou espaço e personalidade própria unindo-se à literatura de cordel para retratar um campo em que a fotografia não podia penetrar: o imaginário sertanejo.



Na gravura de J. Borges (Pernambuco), figuras solitárias se destacam no branco

Ariano Suassuna disse sentir na gravura popular o que mais lhe agradava: o real transfigurado pelo poético, o real como mero ponto de partida, o achatamento geral da gravura pela ausência de profundidade, pela falta de tons entre o claro-escuro e pela falta de perspectiva, assim como a predominância do traço limpo, puro e

forte contornando as figuras.

Ele próprio é de opinião que a gravura e a literatura populares nordestinas representam um dos mais autenticamente brasileiros trabalhos de criação. O crítico de artes Antônio Bento classificou a xilogravura dos artistas de cordel como a maior contribuição que o Nordeste dava ao Brasil no campo das Artes Plásticas.

Primeiros Traços - Em setembro de 1907, o Nordeste via surgir a gravura nos livretos de literatura popular em versos, ou simplesmente literatura de cordel. Ela ilustrava **A História de Antônio Silvino**, folheto editado por Francisco das Chagas Rodrigues, na Imprensa Industrial do Recife. Não aparecia na capa, como depois se popularizou, mas em página interna, e não tinha juntado à gravura nenhum dado e nem qualquer tipo de apresentação, a não ser o título "Antônio Silvino".

Ao sair de Pernambuco para a Paraíba, as gravuras de Chagas Batista perderam os traços originais. Em

1911, o artista editou **Novas Lutas de Antônio Silvino**, junto com a poesia *Traição, Vingança e Perdão*, na gráfica Gonçalves Penna, estabelecida na Rua Maciel Pinheiro, na Parahyba do Norte, antigo nome do Estado da Paraíba. Em **Novas empresas de Antonio Silvino**, a estampa tinha traços bem mais esmaecidos, e nos folhetos seguintes os traços perderam imagem até se transformar em simples esboços.

Gravura Sertaneja - Em 1925, a imagem deixou os traços esmaecidos para dar lugar a uma nova xilogravura. E não mais tratava de Antonio Silvino, mas de outro tipo de cangaceiro em **A História Completa de Lampeão**. Chagas Baptista também não apresentava a xilogravura em páginas interna, mas na capa principal, de muito longe lembrando a figura original do seu cordel de 1907. Ela cedia lugar a uma gravura rústica, com forte contraste entre o branco e o preto, e que iria se transformar nas xilogravuras dos cordéis atuais.

Este mesmo estilo de gravura serviria de exemplo para os fotógrafos do *Cinema Novo Brasileiro* que tentavam uma fotografia sem tons intermediários, como aconteceu nos filmes *Aruanda, Deus e o Diabo na*



Xilogravura presente no cordel editado em 1907, em

Em 1925, surge uma nova xilogravura, mais rústica e de forte contraste

Terra do Sol, Vidas Secas, etc. Esta homenagem explícita está presente no cartaz feito em xilogravura de Calazans Neto para divulgar o filme *Barravento*, de Gláuber Rocha.

Santeiros do Padre Cícero - Em meados da década de 1920, apareciam em Juazeiro do Norte, Ceará, as matrizes talhadas em madeira, confeccionadas pelos artistas que produziam santos para os romeiros de Padre Cícero. Eles eram convocados por José Bernardo da Silva, que estabeleceu gráfica própria no Juazeiro do Norte em 1926.

Fatores diferentes, mas ligados

entre si, explicam o surgimento em Juazeiro do Norte, Ceará, das condições ideais para as primeiras manifestações regulares da xilogravura popular nordestina. Elas:

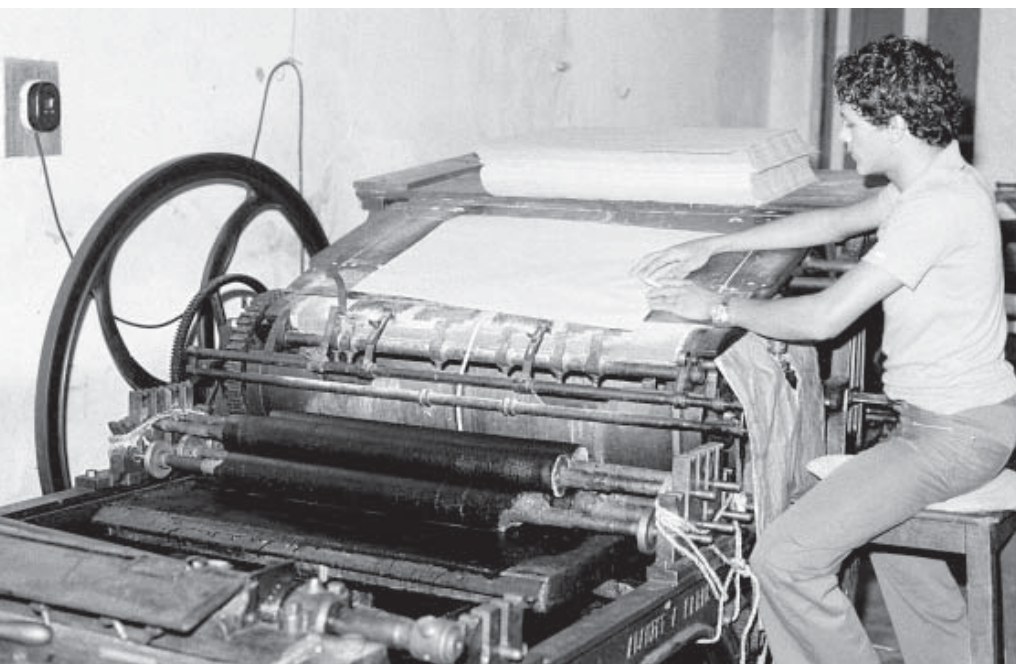
O entalhador italiano de nome Agostini foi contratado para esculpir as pesadas portas da Matriz de Juazeiro do Norte. Ele trouxe a arte do entalhe, garantindo nova função estética para a madeira. Jovens aprendizes viram a novidade e logo se interessaram em procurá-lo. Artistas locais foram levados a confeccionar escultura destinada aos romeiros

do Padre Cícero. Os primeiros santeiros trabalharam com Agostini, inclusive Mestre Noza e Manoel Santeiro. Depois surgiram nomes como Damásio Paulo, João Pereira da Silva, Manoel Lopes da Silva e José Imaginário.

Na xilogravura, atividade bissexta, Noza ganhou prestígio e fez, além das capas de Cordel, as pranchas xilográficas em tamanho maior que as capas de cordel sobre **A Vida de Lanpião e Os Doze Apóstolos (sic)**, adquiridos pelo Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. O trabalho mais famoso de Noza é de 1965, o álbum de gravuras publicado em Paris, por Robert Morei, intitulado **14 Bois Originaux Gravés par Mestre Noza**, com apresentação do artista plástico Sérvulo Esmeraldo.

Depois de Noza, José Bernardo contratou o poeta Damásio Paulo para gerenciar sua gráfica e ilustrar folhetos. O trabalho conjunto durou pouco tempo, devido a desentendimentos trabalhistas. Ao encerrar as contas, Damásio lamentou os 32 mil réis recebidos como indenização e desapareceu de Juazeiro do Norte.

Outro precursor, Walderedo Gonçalves, coloca-se como o mais clássico dos gravadores populares. Segundo depoimento dele próprio, a



Tipografia São Francisco, que chegou a editar 600 mil folhetos/mês (crédito Zé Alves)



A mãe da lua, de Abraão Batista (Juazeiro do Norte), prima pela riqueza de detalhes



A Asa Branca no sertão, de J. Borge

descoberta da vocação aconteceu nos tempos da peste bubônica, anos 1930, uma década depois da iniciação de Noza. Dizia que as gravuras do Mestre Noza eram rústicas. Walderedo também não gostava do Padre Cícero.

Com a saída da xilogravura talhada no tamanho da ilustração dos cordéis, a publicação da **Via Sacra** em Paris abriu perspectivas para a xilogravura decorativa. Elas atendiam à demanda de mercado em busca de solução estética diferente. Em 1970 surgiam os primeiros álbuns com gravuras em novo tamanho, editados pelas instituições ligadas à cultura nos estados de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe e Bahia.

Interiorização - Antes, em 1949, a Tipografia São Francisco, pertencente a José Bernardo da Silva, em Juazeiro do Norte, adquiriu o parque gráfico de João Martins de Athayde, do Recife. Era a transferência da maior folhetaria nordestina para o Sertão. Lá não havia zincografia (clichês produzidos em placa metálica), o que forçou o novo proprietário a adotar o clichê gravado em madeira. Seguiu o exemplo da gráfica de José Bernardo, surgida em 1926, que antes utilizava xilogravura em seus folhetos. A nova folhetaria, no auge da produção no Cariri Cearense, editava 600 mil folhetos por mês.

No início da década seguinte, a maior folhetaria do Nordeste começou a perder mercado e sua produção reduziu-se a um quinto. Enquanto a produção das folhetarias descia, a produção das gráficas de fundo de quintal (máquinas feitas quase

artesanalmente) aumentava. A matriz de madeira espalhou-se pelo Nordeste. Era o processo mais caro na produção de folhetos.

Surgiram poetas e xilogravadores independentes, que passaram a produzir folhetos com menor número de páginas e mais ligados a fatos (reais e imaginários). Bastava um homem para imprimir o livreto de poesia e a produção poderia sair no mesmo dia. Nas antigas folhetarias os poetas esperavam semanas, talvez meses, para ter o folheto publicado.

A gráfica de fundo de quintal foi uma revolução gráfica no sertão nordestino. Economiza custo e tempo. Em 1970, o poeta José Soares produziu o folheto sobre a copa do mundo e o lançou assim que o jogo contra a Itália terminou.

Com a democratização do processo produtivo de cordéis, a partir da década de 1950, vieram as xilogravuras de José Soares da Silva (um dos nomes do Dila), seguidas pelos traços de José Costa Leite, José Francisco Borges, Francisco Amaro, Jerônimo, Borges, João Antônio de Barros, Joel Borges, Severino Borges, J. Miguel, Abraão Bezerra Batista, José Lourenço, Stênio Diniz, Augusto Laurindo Alves, José Estácio Monteiro, José Martins dos Santos, Minelvino Francisco da Silva, Eneias Tavares dos Santos, etc.

A influência do Mestre Noza em Paris provocou também o surgimento da xilogravura decorativa e da abordagem de temas sacros entre os novos artistas nordestinos. Elas foram produzidas por Costa Leite, Abraão

Batista, Zé Lourenço, Joel, Stênio Diniz, Dila, etc. Há xilogravuras talhadas em tamanho de caixa de fósforos produzidas por Antonio Relojoeiro para o pesquisador Gilmar de Carvalho.

Duas Escolas - Hoje, podemos dividir a xilogravura decorativa em duas escolas. Os artistas da **Escola de Juazeiro do Norte**, em geral, produzem imagens com detalhes, com figuras bem mais complexas. Elas são difíceis de imprimir em cores e se aproximam do estilo barroco. O contexto é a civilização do sertão, presa, segundo Câmara Cascudo, a dois séculos de isolamento do Nordeste rural. Na **Escola de Caruaru**, a imagem é solitária e mais fácil de imprimir em cores. Ela representa a civilização industrial e lembra a simplicidade da publicidade comercial.

Apesar dessa nítida divisão de traços, as duas escolas têm a mesma

O autor

Jeová Franklin, baiano, é jornalista e mestre em Comunicação Social. Aposentado do BNB e do Senado Federal, publicou ensaio sobre Xilogravura Nordestina, editado pelo Banco em 1982, e sobre o mesmo assunto no livro J. Borges por J. Borges, editado pela UnB. É o curador da exposição 100 Anos de Xilogravura na Literatura de Cordel, montada no Centro Cultural Banco do Nordeste – Cariri, em set/out 2007.

Cem anos em Exposição

Luciano Sá

Mais de 7 mil peças, reunidas em quase 30 anos de pesquisa, fazem do jornalista Jeová Franklin, benebeano aposentado, um dos maiores ou talvez o maior colecionador e pesquisador da xilogravura nordestina.

Desde 1980, Jeová vem recolhendo e colecionando matrizes e xilogravuras impressas em papel. Hoje, tem mais de 7 mil xilogravuras dos principais artistas nordestinos e de capas de cordel ilustradas por matrizes de madeira, das quais cerca de 4 mil se encontram digitalizadas.

Todo este acervo, feito com recursos próprios, inspirou a exposição **Cem anos da xilogravura na Literatura de Cordel**, aberta em 14 de setembro, no Centro Cultural Banco do Nordeste – Cariri, em Juazeiro do Norte, cidade que se tornou o primeiro centro produtor de xilogravuras da Região.

Com curadoria e acervo de Jeová Franklin, a exposição foi montada inicialmente no Palácio do Planalto, em Brasília, em junho/julho deste ano, e de Juazeiro do Norte segue em outubro para Santiago do Chile, onde ficará instalada na principal feira do livro daquele país, que prestará homenagem ao Brasil.

A mostra exhibe cerca de 50 gravuras de conceituados artistas, 60 cordéis históricos, reproduções das gravuras dos primeiros cordéis ilustrados com xilogravuras e álbuns da década de 1970, quando a xilogravura



Exposição mostra a técnica milenar da xilogravura utilizada por artistas populares nordestinos

retratam a presença do Banco em toda a Região, nas décadas de 1970 e 1980. A homenagem é pelo trabalho que realizam juntos em várias cidades, principalmente em Recife, Caruaru, Bezerros e Juazeiro do Norte, berços da poesia popular em versos. O esforço resultou em duas reportagens divulgadas na revista Interior, do antigo Ministério do Interior (ao qual o Banco era vinculado), com os títulos *O sertão só se informa bem quando o Cordel aparece* e *A Via Sacra da Gravura Sertaneja*, publicadas entre maio e agosto de 1981.

Ao ver estas reportagens, o pesquisador Ribamar Lopes (então funcionário do BNB, hoje falecido), pediu a Jeová um ensaio sobre **Xilogravura Nordestina**, que veio a ser editado no livro *Literatura de Cordel- antologia*, em 1982, considerado um dos trabalhos mais completos sobre a matéria.

O livro foi reeditado em 1983 e em 1994 surgiu a 3ª edição, da qual ainda estão disponíveis alguns exemplares, que podem ser solicitados por meio do Cliente Consulta (0800-728.3030).

nordestina conquista o ápice de seu reconhecimento como arte no Brasil e no exterior e passa a receber tratamento especial de marchantes profissionais.

Apresenta, ainda, fotografias de xilogradores famosos, além de matrizes de madeira, ampliações das gravuras e textos que narram o desenvolvimento da xilogravura em terras nordestinas, até se tornar a maior expressão gráfica da arte popular brasileira.

Segundo o curador, a exposição é vista como didática por mostrar desde os primeiros cordéis ilustrados por xilogravura, de autoria de Francisco das Chagas Baptista e Leandro Gomes de Barros, nos anos de 1907 e seguintes, até a técnica de produção (entalhe na madeira e impressão).

Na mostra, Jeová homenageia o fotógrafo Zé Alves dos Santos, funcionário aposentado do Banco, já falecido, autor de belas imagens que



Cangaceiros em peleja, demônios e animais bizarros compõem o mágico universo retratado na xilogravura de cordel



Oficina utilizada para imprimir os folhetos, manualmente